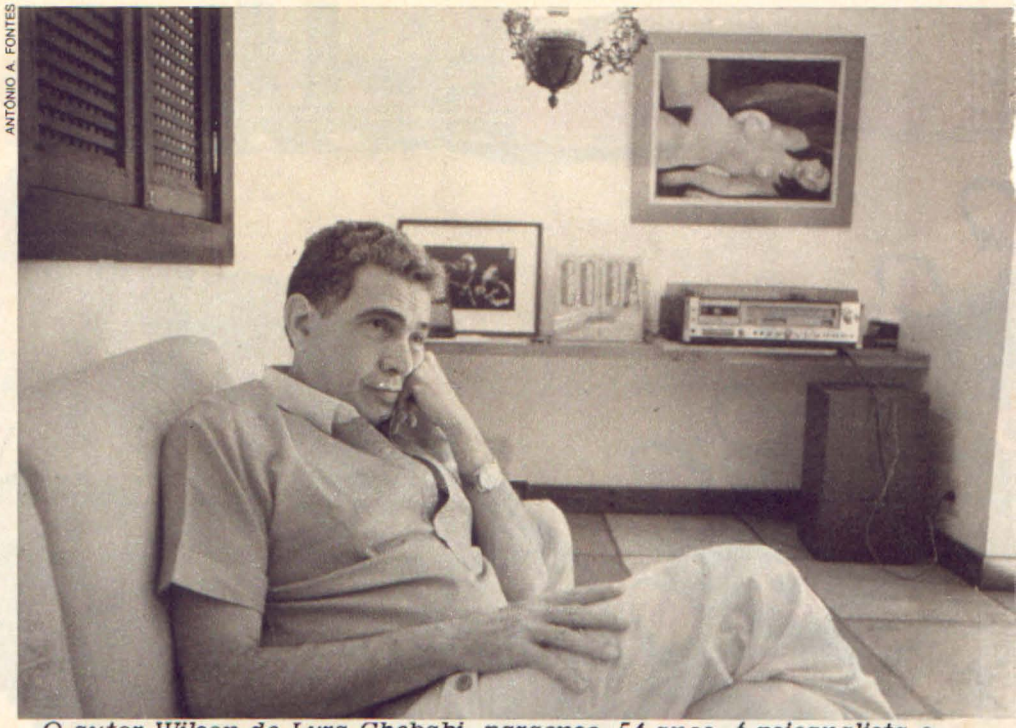
O divã pelo avesso

O caso Amílcar Lobo não pode ser tratado como mero episódio policial

Numa assembléia apaixonada, os psicanalistas filiados à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) decidiram, na última terça-feira, 7, manter-se em assembléia permanente até que apareça toda a verdade sobre o envolvimento do ex-candidato a psicanalista Amílcar Lobo com a tortura nos anos 70. A assembléia foi polarizada, de um lado, por Leão Cabernite, ex-presidente da SPRJ e ex-analista didata de Lobo; de outro, por Hélio Pellegrino, o primeiro psicanalista a denunciar Amílcar Lobo. Na reunião, Leão Cabernite não poupou críticas à participação da imprensa nas questões internas da instituição psicanalítica. "A imprensa está cheia de contradições", argumentou. Pellegrino reagiu com veemência: "A imprensa pode ter suas contradições, mas a instituição psicanalítica também tem as suas". Neste artigo, Wilson de Lyra Chebabi, 54 anos, titular da SPRJ, mostra que o caso Lobo não pode ser tratado meramente como um episódio policial, porque o que ele põe em questão, de fato, é a própria prática psicanalítica.

ANTÔNIO A. FONTES



O autor Wilson de Lyra Chebabi, paraense, 54 anos, é psicanalista e titular da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

Há uma tendência nos meios psicanalíticos de considerar que a imprensa é um poder estranho aos meandros da instituição psicanalítica. A intromissão da imprensa nas questões que envolvem a psicanálise seria sempre negativa. Ao contrário do que pensa a grande maioria dos meus colegas, não creio que a revelação do avesso e dos bastidores do ofício de psicanalista prejudique mais os clientes do que a existência de dramas que são tecidos na obscuridade e que não são assumidos. Ao contrário, o que vem à luz permite um ajuizamento muito mais verdadeiro do processo analítico do que todas as mitificações que tendem a se gerar em torno dessa personagem: "o analista" Essas mitificações levam o processo analítico a regredir ao que se fazia antes da psicanálise: a hipnose. É na hipnose, e não na psicanálise, que a melhora que os pacientes obtêm resulta da manutenção de seus analistas numa posição inacessível e inquestionável, quase divina.

O importante agora, diante do caso Amílcar Lobo, é fugir das polarizações para tentar refletir sobre o que a presença de um torturador nos quadros de uma instituição analítica representa para a psicanálise. Não se pode levar à frente essa reflexão sem um mergulho na história. O que retorna através desse episódio Amílcar Lobo é o recalcado na história da psicanálise. Logo após a II Guerra, um grupo de psiquiatras brasileiros interessados nas idéias de Freud convidou dois grandes psicanalistas europeus para uma temporada entre nós: o dr. Burke, analista inglês influenciado pelo pensamento pragmático e pelas teorias de Melaine Klein; e o dr. Werner Kemper, da escola alemã, formado na tradição filosófica e das ciências humanas. Apesar do dr. Kemper ter sido o fundador da primeira escola, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), foi a tendência inglesa que vingou, anos depois, materializada na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Os anos 60 assistiram ao apogeu da escola inglesa de psicanálise, a qual chegou a tratar as obras de Freud como uma relíquia histórica, que precisava ser revisada à luz de uma técnica que garantisse resultados práticos e efetivos. Característico deste sistema é o conceito de que a psicanálise trata unicamente da realidade interna, e os fatos do mundo cotidiano são sempre tratados como fantasias. Isso é perigoso porque tudo o que o analisando diz, e me desagrada, depõe contra mim, desestabiliza a minha postura de sumo pontífice, eu posso interpretar na transferência como agressão, como ataque a mim. A análise fica, então, reduzida ao *setting* analítico (relação analista-analisando), e tudo se converte em condicionamento e doutrinação. Nesse sentido, os acontecimentos da própria instituição psicanalítica podem ser ardilosamente ig-

PAULO NILSON

norados em favor da hegemonia de um poder, o poder dos encarregados pela transmissão do saber psicanalítico, chamados analistas didatas. Ora, nada mais propício para a hipnose do que a assim chamada análise didática. Estas análises, que começam já com o objetivo de obter uma profissão e seus honorários correspondentes, alçam o analista ao lugar transferencial de "senhor da vida de seus pacientes". Sob influência da escola inglesa, a psicanálise tornou-se um trabalho feito exclusivamente no aqui e agora. Não é à toa que, nos argumentos que aparecem nos jornais, se fala dos "ataques" à psicanálise, ou a um de seus representantes. A estratégia simplória do bom êxito de uma "análise" dessas costuma ser a expiação e a purificação pelas "agressões" cometidas contra o analista e contra a instituição. Nada mais eficaz para atrofiar o pensamento e a crítica. Nada mais precisa ser estudado além da técnica, e tudo se reduz a algumas fórmulas eficazes de levar as pessoas a se sentirem culpadas pelos seus questionamentos. Com isso se tem multiplicado as certezas e os consumidores de psicanálise. Os fatores políticos, as questões epistemológicas, os determinantes históricos podem ser esquecidos, e uma enorme amnésia tem podido embalar analistas e pacientes num sono hipnótico e maquinal.

O processo de "britanização" da psicanálise brasileira tomou conta, com o *boom* dos anos 60, também da SPRJ, que passou a desejar o mesmo prestígio e a mesma imagem de eficiência que a SBPRJ tinha conseguido. Acentuou-se, então, toda uma tendência a "esquecer" o acervo histórico, filosófico, sociológico do legado alemão. E o dr. Leão Cabernite foi um destacado testa-de-ferro dessa "modernização" da sociedade fundada pelo dr. Kemper. Mas o destino do recalcado é retornar. Os conflitos entre os dois analistas estrangeiros que fizeram a formação dos primeiros psicanalistas brasileiros voltam, mais uma vez, à cena. Por que o dr. Hélio Pellegrino causa hoje tanto incômodo? Porque ele representa a memória daquilo que a SPRJ foi no passado e "esqueceu".

Apesar de presenças como a do dr. Hélio, predominou na SPRJ – e é isso que o episódio Amílcar Lobo põe hoje em questão – uma visão da psicanálise restrita à "realidade interna", ao *setting* analítico, à transferência. Nela, o mundo real é tratado como fantasia. Quando o paciente diz que foi torturado, o importante para esse analista fascinado pela técnica é saber se o paciente está vivendo a relação analítica como uma tortura – e não saber se houve tortura de fato. Só uma psicanálise tomada pelo pragmatismo, que bane o real, pode analisar um torturador, conduzi-lo pela via da analise didática, sem querer saber se de fato ele praticou ou não tortura.

O que está em questão hoje, com o caso Amílcar Lobo, não é a condenação desse ou daquele psicanalista, mas uma interrogação profunda sobre a prática psicanalítica. Diz-se que essa exposição do passado pode servir à resistência contra a psicanálise. Mas o que é psicanálise senão expor-se à revisão de seus próprios esquemas de sobrevivência? Não pode, portanto, haver psicanálise sem resistência. A primeira reação natural de quem começa uma análise é ter medo de morrer e de enlouquecer. Quem é que pode analisar-se sem resistir? Essa esperança de que diminuam as resistências à psicanálise é uma esperança que invalida a própria psicanálise, é a pretensão de que a análise deixe de ser análise. ▲